

Tuca Reinés – O Olhar Vertical

Santander Cultural – RS

5 a 30 de agosto

Por Thiago Fernandes

Christian Boltanski: Heartbeats

Galeria Baró Jardins - SP

1º de agosto a 12 de setembro

Por Ananda Carvalho

O trabalho do artista francês Christian Boltanski dialoga não só com as ideias de memória, colecionismo e arquivo, mas também com as perspectivas de esquecimento, perda e morte. Desde 2005, Boltanski produz a obra *Les Archives du Coeur* (*Os arquivos do coração*), na qual coleta batimentos cardíacos do público em diferentes ações-exposições ao redor do mundo. Tais batimentos são guardados e disponibilizados para possíveis ouvintes em um arquivo em constante construção na ilha de Teshima, no Japão.

Na instalação *Heartbeats*, apresentada na Baró Galeria, Boltanski inverte o processo de arquivamento. Produz um autorretrato que emerge como uma instalação imersiva. O artista gravou as batidas do seu próprio coração, que ocupam de forma sonora o espaço da galeria. A sala escura é iluminada por apenas uma lâmpada, localizada no centro do ambiente, que pulsa – acende e apaga – no mesmo ritmo dos batimentos cardíacos do artista. As paredes da instalação também exibem diversos espelhos de diferentes tamanhos.

Para visitar a exposição *Heartbeats*, caminhei por alguns quarteirões nas calçadas movimentadas dos Jardins, bairro nobre de São Paulo. Ao entrar na galeria Baró, há

uma transposição rápida em que se percebe o pulsar de outro fluxo, o do indivíduo. No espaço expositivo, é evidente uma questão importante para Boltanski: a proposição de inclusão do espectador no trabalho – vivenciar de dentro e não olhar para algo

que está na sua frente. As imagens fugidias dos espelhos acolhem o público no trabalho. Propõem que o autorretrato do artista também envolva as possibilidades das memórias subjetivas que cada visitante ativou ao visitar a instalação.

A Galeria também exhibe o vídeo *Entre-Temps*, que engloba uma sobreposição de fotos do rosto de Boltanski da infância à maturidade. É interessante lembrar que, em uma de suas entrevistas, o artista compara os batimentos cardíacos às fotografias: são objetos que representam que um sujeito não está lá. Por essa perspectiva, pode-se pensar que, tanto *Heartbeats* como *Entre-Temps*, enfatizam uma presença que mostra a ausência.

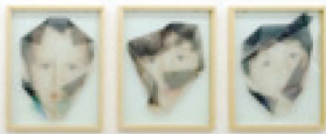
Um ano e dez meses de trabalho em 49 cidades, percorrendo, ao todo, 87.275 km em voos de avião e helicóptero e 343,5 km em estradas. *O Olhar Vertical* impressiona pelos números do projeto e pela visão excepcional oferecida pelas fotografias de Tuca Reinés, que abrem uma discussão sobre a dimensão do crescimento urbano no Brasil.

A singularidade de cada paisagem urbana é destacada pelo olhar artístico do fotógrafo, que também é arquiteto e urbanista. A liberdade de locomoção oferecida pelo helicóptero garantiu a Tuca Reinés maior domínio sobre as paisagens fotografadas, resultando em uma perspectiva inédita sobre suas belezas, aglomerações e contrastes, indo muito além de um simples registro documental.

Diante das fotografias, o espectador é levado a um exercício de compreensão sobre a formação da cidade, sobre como se deu a ocupação dela e sobre como a mancha urbana se adapta à sua geografia, ocasionando um contraste com a paisagem natural ou sua total devastação. A separação entre áreas de luxo e favelas é capturada com clareza, colocando a desigualdade social como mais um ponto de discussão do projeto.

Tuca Reinés desafia a gravidade e o olhar do público. Ao serem vistas de cima, cidades do Norte e Sul se mostram semelhantes em sua visualidade, podendo confundir o observador. Pontos turísticos se tornam irreconhecíveis no primeiro momento, pois são confrontados pelas construções ao seu redor. Nosso olhar, antes limitado pelo chão, é deslocado dos cartões postais e direcionado ao seu entorno, estendendo-se ao horizonte e possibilitando que a cidade seja vista como um todo.

É perceptível como as fotografias foram cuidadosamente selecionadas e dispostas nas paredes do Santander Cultural de modo que criassem um diálogo entre si e despertassem o olhar crítico do público, criando um percurso pela beleza e pela agressividade da paisagem urbana de um país em constante crescimento que, ao serem expostas de forma tão clara e autoral, provocam a reflexão sobre os rumos a serem tomados no futuro.



* Entrevista de Christian Boltanski feita por Sarah Rosenbaum-Kranson e publicada no site MuseoMagazine.